

O UNIVERSAL NO MUNDO POÉTICO DE DRUMMOND

Otaclíio Colares

Quando nos propusemos alinhar algumas considerações a propósito da Poesia de Carlos Drummond de Andrade, resolvemos encarrear nossas observações e assertivas no sentido da universalidade, que consideramos, sob vários aspectos, a nota predominante da lírica do grande poeta mineiro.

Compreendemos, em arte literária, e assim sendo em Poesia, como sentido de universalidade, aquela capacidade por assim dizer imanente que tem o escritor de dar a quem o lê, através do que escreve, uma visão ou um sentido que esteja acima de qualquer imposição de regionalidade, mesmo quando o regional se apresente objetivamente, neste caso, apenas um ponto de partida.

Longe de nós aquele vezo antigo de considerar a universalidade apenas quando corresponde a uma determinada ordem de idéias filosóficas ou políticas, tendentes à defesa de estabelecidos princípios programáticos.

Há, realmente, sentido de universalidade em grande parte dos poemas de Victor Hugo, sobretudo nos de sua obra-prima em Poesia, que é "A legenda dos séculos", sua grande tentativa para o sonhado poema épico que a França, inexplicavelmente, não deu ao mundo. Nesse vasto e altiloquente poema, trabalhado ao longo de mais de vinte anos, o poeta francês lançou idéias que transcendem de quaisquer fronteiras e se detêm numa atmosfera de altíssimas cogitações e respeito do ser humano, desde as idades imemoriais. Uma diagnose do homem, uma visão abrangente de sua história, olhada do ponto de vista da conquista progressiva da liberdade, do soerguimento do gênero humano, de século em século. No longo poema, Hugo, conforme sua própria confissão, no prefácio da primeira série de poesias aparecida em volume, desejou "expressar a Humanidade numa espécie de obra cíclica, para pintá-la sucessiva e simultaneamente sob todos os seus aspectos: história, fábula, religião, ciência, todas essas feições resumindo-se num só e imenso movimento no sentido da luz".

Há, desse tipo de universalidade apontado na poesia de Hugo — claro que guardadas as necessárias proporções — amostras bem eloquentes em parte ponderável da poesia do nosso Castro Alves, quando ele, partindo do proble-

ma nacional do cativo do negro, sublima seus sentimentos em versos flamantes, transmutando a figura do humilde escravo dos nossos eitos em paradigma da criatura humana sem limitações, vítima dos desajustes sociais, aqui como em qualquer parte ou estágio do mundo civilizado.

Com estes dois exemplos procuramos caracterizar um determinado conceito de universalidade de uma mensagem artística.

No caso que nos interessa ferir, ou seja, o da poesia drummondiana, o que ressalta para nós, como nota singular, até mesmo extraordinária, é o fato de essa mensagem universal poder ser encontrada sobretudo em certos poemas que, à primeira vista, estão apenas vinculados a razões de espaço e tempo.

Antes de mais nada, cumpre-nos esclarecer que continuamos partícipes da orientação daqueles que não entendem o estudo da obra de um autor considerável, atidos tão-somente aos textos, mas procuram vincular toda uma obra de concepção artística às condições de vida do autor, sobretudo entre a meninice e a juventude, até mesmo as contingências da região em que esse autor habita.

Carlos Drummond de Andrade nasceu em Itabira, região montanhosa do Estado das Minas Gerais, em zona de fazendas, em 31 de outubro de 1902.

Muitos já observaram que o filho da montanha, tal como o nascido em ilhas, é sempre, por natureza, uma pessoa reservada, apenas de meios gestos, de meio sorriso e de meio prato. No caso de Drummond, o ter nascido e vivido a meninice e a juventude entre altos picos do maciço mineiro, ter-lhe-ia dado, ao lado da reserva, quase vizinha da timidez, a altitude sempre maior do pensamento e dos sentimentos. Esta dupla manifestação que em sua personalidade é encontrada, desde as primeiras manifestações líricas, faria o crítico Antônio Houaiss, na apresentação do volume de composições do poeta, intitulado **Reunião**, dizer as seguintes palavras, que vêm ao nosso encontro: "Contra o próprio parecer do Poeta — cuja perspectiva é a História — de que é poeta menor, e de ritmos elementares, e perecível, que não haja ilusão: este é Poeta Maior".

A afirmação de Houaiss vai de encontro à timidez do próprio poeta que, nessa timidez confessa, não encontra em si, nem no que produz, aquela largueza que todos lhe reconhecemos e denominamos — sentido de universalidade.

Reforçando em Drummond a timidez por assim dizer congênita, reportemo-nos ao livro de versos com que, bem jovem, em 1930, fez sua estréia literária, **Alguma poesia**. Já o título, sem qualquer preocupação antecipada de mensagem, de expressão elementaríssima, verifica-se o receio pundonoroso com que o poeta descerrava uma ponta da cortina do quase anonimato, lá nas suas Minas Gerais, ao tempo em que jovens buliçosos e ousados, como os paulistas Mário e Oswald de Andrade, abalavam céus e terras com a força tumultuária da sua poética atrevida e renovadora.

Nada há melhor, porém, como denotação do temperamento arredio do então jovem mineiro de Itabira, do que o poema com que ele abre o já citado livro de estréia: "Poema de sete faces":

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai Carlos! ser *gauche* na vida.

As casas espiam os homens
que correm atrás das mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas, pretas, amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.

Porém meus olhos
não perguntam nada.
O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do bigode.

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco?

Mundo mundo vasto mundo
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.

Eu não devia dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
põem a gente comovido como o diabo.

Lido o poema, destaquemos-lhe alguns versos, não sem antes chamar atenção para o tom de conversa intimista do poeta consigo próprio, o que viria a ser uma constante na sua maneira de elaborar poesia. E nisto está, sem dúvida, uma relação entre a mensagem expressa do artista e o temperamento humano do poeta.

Examinemos a primeira estrofe do poema — **Quando eu nasci, um anjo torto / desses que vivem na sombra / disse: Vai Carlos! ser gauche na vida,**

Na estrofe, três expressões que revelam a convicção drummondiana de marginalização: **anjo torto**, complementada esta da outra — **desses que vivem na sombra**, culminando tudo com a frase vibrada quase em tom de desespero: **Vai Carlos! ser gauche na vida. Gauche**, do francês, está valendo no verso como sinônimo de canhestro, desajeitado.

Na segunda estrofe, que é de quatro versos, destaquem-se: **A tarde talvez fosse azul, não houvesse tantos desejos.** A expressão **tarde azul** deve ser sentida como significante de sonho, mormente quando seguida da dolorosa alternativa — **não houvesse tantos desejos.**

Na estrofe a seguir, em que o poeta nos dá um **flash** do movimento urbano, falando no bonde **cheio de pernas**, perguntando a Deus por que existem elas em tamanha quantidade, o que se sente é o homem tímido que, depois, reflete sua fragilidade de criatura humana, em face do apelo sensual: **Para que tanta perna, meu Deus, / pergunta meu coração. / Porém meus olhos / não perguntam nada.**

A estrofe que agora vamos analisar, ainda do “Poema de sete faces”, está hoje transformada num como refrão, e quando isto acontece ao verso de um poeta é, sem sombra de dúvida, sintoma de universalidade.

**Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.**

Os versos citados, que são quase o epílogo do poema, na sua íntima exclamação de desencanto, revelam intenção de contrastar, na juventude do poeta, o lado espiritual e o material, a certeza que o autor alimenta, criatura humana, de não poder endireitar o mundo dos homens, que estes serão sempre escravos das coisas materiais. Tanto assim que finaliza o poema com estes versos de uma proposital trivialidade:

**Eu não devia dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
põem a gente comovida como o diabo.**

Fazemos questão de descobrir e revelar o sentido, por assim dizer, inato de universalidade em Drummond, desde os primeiros ensaios seus, nos domínios do verso.

Retratando poemáticamente a infância, o autor de **Sentimento do mundo** diz:

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre mangueiras
lia a história do Robinson Crusoe,
comprida história que não acabava mais.

Em seguida aos três primeiros versos da estrofe lida há pouco, os quais são manchas pictóricas retratando a tranqüilidade da vida familiar do filho de fazendeiro das montanhas de Minas, os versos em que avulta o sentimento do menino no laboratório de sua intimidade, são de valor comunicativo inestimável àqueles que nos mostram o sentido de evasão do poeta criança, por conta da entrega total aos lances aventureiros do romance de Defoe.

Ainda versos da fase juvenil, um tanto rebelados e tocados daquela funda ironia, que é uma das características de poesia talvez mais cerebrina que emocional de Drummond, para revelação da sua quase intuitiva universalidade:

Eu também já fui brasileiro
moreno como vocês.
Ponteei viola, guiei Ford
e aprendi na mesa dos bares
que o nacionalismo é uma virtude.
Mas há uma hora em que os bares se fecham
e todas as virtudes se negam.

Prova dessa feição, diríamos dessa virtude universalista de comunicação na poética de Drummond, a aceitação, pelo grande público, de certos poemas dele, propositadamente agressivos, em conteúdo e forma, e que, no entanto, depois de muito relidos ou seguidas vezes ouvidos, acabam na boca do povo. Como este há muito antológico.

NO MEIO DO CAMINHO

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei deste acontecimento
na vida das minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

Neste poema que — destacamos — é ainda do seu livro de estréia, **Alguns poemas**, Carlos Drummond de Andrade já se revelava consciente de que poesia é linguagem mais de palavras que de idéias concatenadas logicamente. E idéia é o que existe no poema citado; porém, idéia expressa, sim, idéia apenas sugerida, algo a ser mais descoberto pelo leitor do que propriamente revelado pelo autor.

Ligados os versos do poema ao menino esquisito e **gauche** que confesadamente o foi Drummond, temos de admitir ser a palavra **pedra**, ligada à expressão **no meio do caminho**, um elemento simbólico, representativo de algum empecilho descoberto pelo poeta em seu começo de vida. Impasse de natureza objetiva ou subjetiva, cuja imagem estaria sempre a ocorrer-lhe, em diversas fases pela vida em fora. Trata-se, no nosso entender, de um poema de extraordinário sentido universal.

Ainda a propósito de universalidade em Drummond, certos poemas há, seus, em que a palavra POESIA assume moldes de contágio universal. Como neste poema:

Gastei uma hora pensando um verso
que a pena não quer escrever.
No entanto ele está cá dentro
inquieto, vivo.
Ele está cá dentro
e não quer sair.
Mas a poesia deste momento
invade minha vida inteira.

Irônico quase sempre, talvez porque tímido de origem, vez por outra, sai do casulo da timidez o **moleque** Drummond. Universal sem que talvez se aperceba; às vezes, de um contexto vérsico puramente pinturesco, salta-lhe o verso mágico, o verso altamente revelador. Como no poema

CIDADEZINHA QUALQUER

Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar

Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.
Devagar . . . as janelas olham.
Eta vida besta, meu Deus!

Prestemos atenção à seqüência de versos da segunda estrofe, cada verso propositalmente separado do outro por ponto final, para mais perfeita idéia da paisagem estática, quer da natureza, quer do elemento humano ou animal. **Um homem vai devagar. Um cachorro vai devagar. Um burro vai devagar.**

Para o poeta, no primeiro verso da estrofe conclusiva — **Devagar as janelas olham** houve a preocupação de ligar o sentido puramente arquitetural da palavra **janelas** à idéia de olhos estáticos que compusessem o quadro modorrento da cidadezinha modesta do interior. O derradeiro verso — **Eta vida besta, meu Deus!** é um malcontido impulso de revolta no espírito do poeta, ansioso de mais largos horizontes.

Carlos Drummond — poeta universal. Sem dúvida. E tanto assim que, não faz muito tempo, um jovem compositor e cantor popular brasileiro, numa demonstração de sintonia com a mensagem do grande poeta, pôs em música de quase cantilena, do melhor sabor popularesco, o poema intitulado **José**, no qual, muito ao seu jeito, mestre Drummond deixa margem ao leitor para participar de uma conversa, até certo ponto meio ilógica mas expressiva, do poeta consigo próprio:

E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?

Ora, **José** é ou não é nome universal? É, indiscutivelmente, nome representativo da imensidão do chamado **homem-comum**.

O uso do nome **José** por Drummond, no curso do breve poema, que é terrivelmente patético, embora aparentemente brincalhão e inconseqüente,

José — repetimos — traz-nos à lembrança o poeta da crônica, Rubem Braga, naquela página de sua mocidade, intitulada "Luto na família Silva".

Na citada crônica, o filho ilustre de Cachoeiro de Itapemirim, aproveitando notícia policial de jornal carioca, envolve o fato de haver sido encontrado morto, na rua, um homem do povo identificado como Fulano de Tal da **Silva**, tece uma inteligente e poética (porque patética) ordem de considerações sobre a universalidade desse sobrenome, baseado em que, enquanto nos países de falar luso **Silva** é apanágio dos que não têm sobrenome de tradição, outros sobrenomes, assim universais na miséria, hão de existir, pelos diversos caminhos (ou descaminhos) do vasto mundo.

Não se venha porém a pensar que o poeta itabirano, seco, esquivo, de falar mais com seus botões que com os demais seres da espécie, não tenha, aqui e ali, ao longo do magnífico itinerário de sua lírica, deixado de expressar sua mensagem pelo esquema objetivo e pessoal para tornar-se receptáculo da grande angústia universal. Leiamos-lhe as primeiras estrofes do poema que tem por título a expressão — **Mas viveremos** — altamente significativa da certeza de que a humanidade tem uma permanente capacidade de lutar pelos sadios princípios da fraternidade:

Já não há mãos dadas no mundo.
Elas agora viajarão sozinhas
sem o fogo dos velhos contatos,
que ardia por dentro e dava coragem.

Desfeito o abraço que me permitia,
homem da roça, percorrer a estepe,
sentir o negro, dormir a teu lado,
irmão chinês, mexicano ou báltico . . .

Carlos Drummond de Andrade é, sem sombra de dúvida, dentre os poetas brasileiros de todos os tempos, o que com mais finura e senso de oportunidade faz uso do epigrama, essa arte que, na Poesia, a poesia dos tempos clássicos, consagrou Calímaco, na Grécia, e Horácio e Catulo na Roma dos Césares.

Na verdade, o epigrama, mais profundo em intenções do que a sátira, é a revelação, por meias palavras, de todo um mundo de indagações inteligentes e de conclusões críticas a que é levado o leitor ou ouvinte, após travar contato com os versos.

Anotemos, ao longo dos muitos livros do poeta Drummond, esses reportares epigramáticos, revelações de um espírito altamente dotado, que sabe tirar do riso que provoca, muita vez, um ricto doloroso de desencanto.

Analisemos, de Drummond, em primeiro lugar, um poeminha epigramático. No arranjo dos versos, que se conota com o título do poema, há um complexo de irônica observação de um fato entre doméstico e social, aliás tão comum na vida da família pequeno-burguesa em nosso país:

QUADRILHA

João amava Tereza, que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquina que amava Lili
que não amava ninguém.
João foi para os Estados Unidos, Tereza para o convento
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.

São de íntima atmosfera epigramática nas intenções, embora seu arranjo mais não seja, no parecer, mais que uma simples seqüência descritiva, os versos deste poema intitulado

FAMÍLIA

Três meninos e duas meninas,
sendo uma ainda de colo.
A cozinheira preta, a copeira mulata,
o papagaio, o gato, o cachorro,
as galinhas gordas no palmo de horta
e a mulher que trata de tudo.
Uma espreguiçadeira, a cama, a gangorra,
o cigarro, o trabalho, a reza,
a goiabada na sobremesa de domingo,
o palito nos dentes contentes,
o gramofone rouco toda noite
e a mulher que trata de tudo.
O agiota, o leiteiro, o turco,
o médico uma vez por mês,
o bilhete todas as semanas
branco! mas a esperança sempre verde.
A mulher que trata de tudo
e a felicidade.

Entre o semi-sorriso revelado no verso, que retrata a relativa felicidade do dono da casa, após o repasto frugal — o palito nos dentes contentes — e o patético do verso: o agiota, o leiteiro, o turco — faz Drummond vibrar

em surdina o mundo das grandes frustrações cotidianas e de pequenas e procuradas esperanças do imenso pequeno mundo da outrora chamada classe média.

De quando em vez, o olhar universalista do poeta explode e vê mais longe, no grande mundo dramático das contingências humanas. E em poucas palavras, armadas com uma arte de simplicidade que lhe é forte característica, conta-nos ele algo de profundas intenções epigramáticas, como esta

ANEDOTA BÚLGARA

Era uma vez um casal naturalista
que caçava homens.

Quando lhe disseram que também se caçavam borboletas
e andorinhas,
ficou muito espantado
e achou uma barbaridade.

O epigrama é, indiscutivelmente, arma de crítica. Ovídio, testemunha conformada e conformista do desbarato social da Roma da decadência dos césaes, usou essa arma, fruiu por conta dela as delícias dos triclínios, mas nos seus epigramas ia a vingança mordaz dos pobres e dos tristes. O epigramista Drummond faz desde a crítica profunda e irônica àquela da passividade de certas camadas humanas dos dias atuais, nos versos deste curto poema

OS INOCENTES DO LEBLON

Os inocentes do Leblon
não viram o navio entrar.

Trouxe bailarinas?

Trouxe emigrantes?

Trouxe uma grama de rádio?

Os inocentes, definitivamente inocentes, tudo ignoram,
mas a areia é quente, e há um óleo suave
que eles passam nas costas, e esquecem.

Alfonsus de Guimarães Filho, nome por todos os títulos respeitável nos domínios da poesia nacional contemporânea, em trabalho de análise da poesia de Drummond, subordina o poeta mineiro ao que denomina inquietação espiritual ou visão mística da vida. Ora, inquietação espiritual e concepção mística da existência, se não forem um só e único estado, serão dois estados de sentido universalizante.

Na oportunidade, bem vale ler duas estrofes do poema de Drummond — “Coisa Miserável” — nas quais o místico e a inquietação assumem eloquência de apóstrofe, de uma amplitude que lembra versos daquele que foi chamado “o peregrino de Assis”:

Senhor, piedade de mim,
olhos misericordiosos
pousados nos meus,
braços divinos
cingindo meu peito,
coisa miserável
no pó sem consolo,
consolai-me.

.....
.....

Mas de nada vale
gemer ou chorar
de nada vale
erguer mãos e olhos
para um céu tão longe
para um deus tão longe
ou, quem sabe? para um céu vazio.

Somos de impressão que, tivesse Carlos Drummond de Andrade por si, por sua obra lírica original e extraordinária, uma língua de fronteiras menos limitativas que a portuguesa, desde largo tempo, talvez, houvesse merecido, e bem merecido, as glórias de um Prêmio Nobel de Literatura, tanto é de ressonância universal a sua Poesia. Há versos da sua autoria, de cunho místico e de inquietação imanente, que podem ser sentidos, em seu vibrar, já pelo chamado homem comum, já pelo homem culto, em qualquer latitude, em qualquer região. Como estes versos candentes do poema

OS OMBROS SUPORTAM O MUNDO

Chegou um tempo em que não se diz mais: Deus.
Tempo de absoluta depuração.
Tempo em que não se diz mais: meu amor.
Porque o amor resultou inútil.
E os olhos não choram.
E as mãos tecem apenas o trabalho.
E o coração está seco.

.....

Chegou o tempo em que não adianta morrer.
Chegou o tempo em que a vida é uma ordem.
A vida apenas, sem mistificação.

Depois de um exame em profundidade destes versos, em que o poeta universal existente em Drummond revela a perda da espiritualidade, quer na crença, quer no amor, pela consciência de que uma e outro são julgados inúteis pelo homem da hora presente, é ainda um grito malcontido de luta, embora de luta com base em muito sofrimento, o contido nos versos que aqui vão repetidos:

Chegou um tempo em que não adianta morrer.
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.
A vida apenas, sem mistificação.

Mas não é apenas nas conotações dos grandes sofrimentos do mundo e da humanidade em nossos dias que a palavra de Drummond se universaliza. No mundo de sua íntima humanidade, o poeta encontra meios de universalizar um sentimento que cada um de nós julga ser de ordem puramente individual. Diz ele no início de seu poema

PARA SEMPRE

Por que Deus permite
que as mães vão-se embora?

para concluir:

Por que Deus se lembra
— mistério profundo —
de tirá-las um dia?
Fosse eu rei do mundo,
baixava uma lei:
Mãe nunca morre,
mãe ficará sempre
junto de seu filho
e ele, velho embora,
será pequenino
feito grão de milho.

Difícil, senão impossível, encontrar no Brasil outro poeta semelhante

a Drummond, pelo menos no que tange à constante atmosfera de universalidade que envolve sua mensagem.

Temos arrolado aqui, até o momento, poesias de feição vária, todas elas nos parecendo reveladoras dessa universalidade, ora imanente como razão do verso, ora conscientemente infundida no que escreve o poeta participante de um mundo como o de hoje — mundo sem fronteiras.

Alargásemos o nosso conceito de universalidade, poderíamos afirmar que a nota do **universal** é uma constante em Drummond, mesmo em poemas como esta "Evocação de Mariana", em que a nota regional (não-regionalista) consiste tão-somente na expressão que titula os versos, pois estes, unidos de evocação mística, perdem, a partir do primeiro que se lê, qualquer vinculação regional para sobrepairar na região ilimitada da pura emotividade sem espaço ou tempo.

EVOCÇÃO DE MARIANA

A igreja era grande e pobre. Os altares humildes.
Havia poucas flores. Eram flores de horta.
Sob a luz fraca, na sombra esculpida
(quais as imagens e quais os fiéis?)
ficávamos.

Do padre cansado o murmúrio de reza
subia às tábuas do forro,
batia no púlpito seco,
entranhava-se na onda, minúscula e forte, de incenso,
perdia-se.

Não, não se perdia . . .
Destacava-se do coro a música deliciosa
(que esperas ouvir à hora da morte, ou depois da morte,
nas campinas do ar)
e dessa música surgiam meninas — a alvura mesma cantando.
De seu peso terrestre a nave libertada,
como do tempo atroz imunes nossas almas,
flutuávamos
no canto matinal, sobre a treva do vale.

Poeta universal, Drummond não é e jamais foi o que se poderia chamar um poeta **engajado**, no que a palavra, tão em voga ultimamente, possa significar um talento criador, uma sensibilidade comunicativa jugulada a esta

ou àquela filosofia ou credo e esquema ideológico-político. Daí, justamente, a sua universalidade.

O que o mineiro esquivo, o grande aparelho detector e recriador de emoções tem sido, realmente, é uma janela aberta para o mundo contemporâneo, retirando do trivial, muita vez, a essência lírica mais contagiante e extraordinária. Essa janela pela qual penetramos, por vezes assustados, no primeiro instante, mas que nos leva sempre a uma doce-amarga atmosfera de vivência com as coisas eternas, de mistura com o que aparentemente é coisa comum, do dia-a-dia.

Do cotidiano — pode dizer-se — tira Drummond, grande poeta, talvez o maior poeta da atualidade em língua portuguesa, entre os vivos, a universalidade de sua mensagem, por exemplo, nos versos intimistas intitulados

NÃO SE MATE

Carlos, sossegue, o amor
é isso que você está vendo:
hoje beija, amanhã não beija,
depois de amanhã é domingo
e segunda-feira ninguém sabe
o que será.

Inútil você resistir
ou mesmo suicidar-se.
Não se mate, oh não se mate,
reserve-se todo para
as bodas que ninguém sabe
quando virão,
se é que virão.

O amor, Carlos, você telúrico,
a noite passou em você,
e os recalques se sublimando,
lá dentro um barulho inefável,
rezas,
santos que se persignam,
anúncios do melhor sabão,
barulho que ninguém sabe
de que praquê.

Entretanto você caminha
melancólico e vertical.

Você é a palmeira, você é o grito
que ninguém ouviu no teatro
e as luzes todas se apagam.

O amor no escuro, não, no claro
é sempre triste, meu filho, Carlos,
mas não diga nada a ninguém,
ninguém sabe nem saberá.

Recente prova da universalidade do poeta de Rosa do povo e Claro enigma verificou-se com a publicação, em edição bilingüe, na França, do volume — Reunião, no qual, em 1971, o poeta compendiou dez livros em verso da sua autoria, a saber: *Alguma poesia*, *Brejo das almas*, *José*, *Rosa do povo*, *Claro enigma*, *Fazendeiro do ar*, *A vida passada a limpo*, *Lições de coisas* e *Quatro poemas*. É responsável pela versão em francês o professor Jean Michel Massa, da Universidade de Haute Bretagne.

Agora, já não são, de Drummond, que denominamos poeta universal, apenas poemas esparsos esparsamente vertidos para línguas e esporádicas publicações fora do Brasil ou de Portugal. Trata-se de um conjunto de uma vasta e valiosa obra poética passada para uma língua como a francesa, de tráfego e prestígio universais.

Muito ainda deveria e poderia ser dito; muito ainda poderia ser citado de Drummond, com relação à vastidão magnífica da sua mensagem poética. A nós, em nossa humildade em face de tanta grandeza, contenta-nos a honra de abordar essa monumentalidade, no audacioso pressuposto de que, sem alguns avisos, pudessem passar despercebidos do conhecimento comum, que esse é o perigo em que às vezes incorrem os homens e as obras geniais.

Propositadamente procuramos encontrar e revelar o sentido de universal em Drummond, justamente naqueles poemas em que aparentemente abusou do trivial, embora reconheçamos-lhe ressonâncias por vezes até mesmo épicas em longos e altos poemas, tais como "América", "Visão 1944", "Os Últimos Dias", "Canto ao Homem do Povo Charlie Chaplin", que retratam em amplitude e altitude os grandes dramas humanos da hora presente.

Mas será com o Drummond de universalidade vinculada às coisas eminentemente simples, aos sentimentos em tons menores que encerraremos esta breve abordagem de sua obra, que, não tenhamos dúvidas, atravessará o tempo e as gerações.

Eu preparo uma canção
em que minha mãe se reconheça,
todas as mães se reconheçam,
e que fale como dois olhos.

Caminho por uma rua
que passa em muitos países.
Se não me vêem eu vejo
e saúdo velhos amigos.

Eu distribuo um segredo
como quem ama ou sorri.
No jeito mais natural
dois carinhos se procuram.

Minha vida, nossas vidas
formam um só diamante.
Aprendi novas palavras
e tornei outras mais belas.
Eu preparo uma canção
que faça acordar os homens
e adormecer as crianças.